

ENTRETENIMENTO GAY: O CONSUMO COMO DESCOBERTA DA HOMOSSEXUALIDADE.

Elberth de Oliveira Bertoli

Universidade Federal do Espírito Santo

Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais

Resumo:

A presente etnografia trata dos primeiros passos para a construção de uma dissertação da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) sobre o consumo de entretenimento gay na Grande Vitória. Conhecer os principais aspectos e significados que permeiam essa busca por atividade de lazer e que mostram de muitas maneiras a identificação e a construção da identidade de sujeitos específicos de uma parcela da sociedade. Percorrer com esses sujeitos os seus passos para o divertimento e lazer, traz a compreensão de quão importante é estudar o consumo e de como os desejos por determinadas atividades são muito além de um simples consumir por consumir, mas repleto de sentido, significado e afetos que unem diversos sujeitos em um mesmo ambiente.

Palavras-chaves: Consumo; Entretenimento; Gay.

Abstract:

The present ethnography deals with the first steps for the construction of a dissertation of the Post-Graduation in Social Sciences of the Federal University of Espírito Santo (UFES) on the consumption of gay entertainment in Grande Vitória. To know the main aspects and meanings that permeate this search for leisure activity and that show in many ways the identification and construction of the identity of specific subjects of a portion of society. To walk with these subjects, their steps for fun and leisure, brings the understanding of how important it is to study consumption and how desires for certain activities are much more than a simple consumption to consume, but full of meaning, meaning and affections that unite several subjects in the same environment.

Keywords: Consumption; Business Center; Gay

INTRODUÇÃO

Era o segundo semestre de 2015, e foi no curso de graduação em Ciências Sociais que tive o primeiro questionamento sobre questões relacionadas ao entretenimento gay. Uma das atividades avaliativas propostas pelo professor era a realização de uma etnografia com o tema a escolha do aluno. Num primeiro e único momento veio a ideia de fazer uma etnografia

sobre o universo *drag queen*¹ na Grande Vitória. O que parecia ser uma pesquisa inocente acabou por gerar um outro questionamento em mim e que resultou no meu tema de pesquisa para o Mestrado: entender como funciona o circuito de entretenimento gay no Espírito Santo, mais precisamente, na Grande Vitória. Foi então que minha empreitada começou.

Ao observar que as casas de apresentação para as drag queens haviam chegado a zero ambiente de *performances*², veio a conclusão de que a problemática não estava nos artistas, pois eles ainda se faziam presentes no cenário capixaba, mas na mudança de consumo do público gay e, conseqüentemente, geraram alteração das casas, que ofereciam um outro produto solicitado pela nova geração que estava surgindo.

Na atualidade, podemos construir o pensamento acerca do consumo baseado na falsa impressão do aprisionamento do sujeito pela necessidade de possuir um bem, seja pelas construções estabelecidas pelo fetichismo marxista ou pela construção de um “arcabouço mágico” estabelecido pela cultura de massa ou propagandas excessivas. Entretanto, o consumo pode ser observado pela nuance de construção de identidade, estabelecendo entre os que assim o fazem uma ligação direta com o grupo ao qual pertence ou apenas o consumo de artefatos “supérfluos ou necessários para a sobrevivência do indivíduo, porém, tal ato consumidor está presente em toda e qualquer sociedade humana” (BARBOSA, p. 7, 2008).

O consumo está na estrutura da sociedade e do sujeito que dela participa, antes de ser uma ação coletiva, o consumo é uma ação humana, necessária para a sobrevivência do homem e que o faz estabelecer uma comunicação consigo mesmo, com a sua alteridade e com a natureza, a qual fornece os bens por ele necessitado. Se assim o é, consumir implica na construção cultural do indivíduo, baseando-se na forma em que utiliza o produto, nos porquês de seu consumo e nas diversas ligações que o ato de consumir implica para toda uma sociedade, tornando-se objeto de estudo para a Antropologia.

¹ A definição de *drag queen*, segundo Ana Paula Vencato (2002), em sua dissertação de Mestrado intitulada “Fervendo com as drags”, é que são “homens que se transvestem mas sem o intuito de se vestir de mulheres, mesmo que de forma caricata, reinventam um feminino exagerado em sua representação porém sem debochar do “ser mulher”. As drags buscam, tal qual os/as travestis, uma certa aproximação dessa “mulher” que levam a público, muito embora a completa identificação nunca seja o resultado almejado”. Outro dado importante fornecido pela autora é que “drags não são, necessariamente, homossexuais. Contudo, a associação é quase inevitável quando se fala delas em público”. Tal conceituação está estabelecida na ordem da Arte, pois as performances são de artistas que incorporam personagens, não tendo relação alguma com orientação sexual do ator performático.

² Apresentações realizadas pelos artistas *drag queens*.

Essa observação das casas onde as *drag queens* se apresentavam mostra que a alteração partiu precisamente dos consumidores, forçando a alteração da maneira como o entretenimento deveria ser apresentado nas boates capixabas. Então, as perguntas seguintes foram cruciais para entender que era preciso compreender o consumo de entretenimento desses sujeitos na Grande Vitória e qual era este circuito realizado pelos indivíduos. Assim surgem os primeiros passos para minha pesquisa no Mestrado em Ciências Sociais da UFES. Porém, o que não me foi dito é que em poucos meses eu estaria realizando minhas primeiras incursões a campo.

.....

Era sábado à noite, por volta das dezenove horas, e o som do *whatsapp* soa em meu celular. Era um dos jovens de minha pesquisa de campo informando – e convidando – que ele iria à uma festa Chamada “Pula a Catraca”³ que ocorreria na Associação Praiana 106, localizada no bairro Jardim da Penha e conhecido por abrigar em sua maioria universitários, já que a única universidade federal do Espírito Santo se encontra ali próximo. Confesso que não estava preparado para minha primeira vivência no campo tão cedo, porém, mesmo despreparado para com o que iria ser esse convívio com ele, atendi ao convite e marquei de encontrá-lo na Rua da Lama⁴.

Meu primeiro contato com este jovem gay⁵, que aqui será chamado de César⁶, foi através do meu trabalho como professor. Ele é aluno de uma instituição de ensino e estava buscando

³ A festa ocorreu no dia 06 de maio de 2017. É um evento produzido pela Coffee & Bacon Produções e tem como chamada principal para os consumidores o “Open Xixa”, que seria o oferecimento gratuito de uma bebida à base de catuaba, entre o horário de meia noite até uma hora da manhã; e os 100 (cem) primeiros entrariam gratuitamente no evento. O evento pode ser conferido em sua página no facebook <https://www.facebook.com/events/1915616035385262/>.

⁴ A Rua da Lama é uma avenida no bairro Jardim da Pena, em Vitória, que é conhecida por ter diversos bares e os maiores frequentadores são jovens que, em sua maioria, se encontram por lá com a finalidade de fazerem o “esquentar” – típico ritual de beber antecipadamente para depois ir ao destino final – ou apenas para se encontrar com os amigos para conversar, beber e se distrair. A história da Rua da Lama está apresentada em um documentário intitulado “Uma volta na Lama” de Úrsula Dart, datado do ano de 2010; e pode ser encontrado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=B6HT3vBZXz4>. Nele pode-se encontrar como foi o surgimento deste *point* de encontro e os seus principais frequentadores, além de personagens que ficaram imortalizadas naquele espaço de lazer.

⁵ Perguntei a ele, através do aplicativo de comunicação *whatsapp*, em qual orientação sexual ele estava inserido. A resposta dele foi imediata: “Sóbrio, G[ay]; Bêbado, B[i]. Eu fico com meninas quando tô (sic) bêbado. Sóbrio também, mas sem vontade. Qnd (sic) to bêbado ou sob efeito de ervas, tenho vontade de ficar com meninas tbm (sic)”.

⁶ Em contato com o sujeito de minha pesquisa, perguntei através das redes sociais se ele me permitia colocar o seu primeiro nome. O mesmo disse que preferia que não usasse, pois não queria expor o seu namorado, que muitas vezes estavam conosco nos eventos. Então, no mesmo momento, ele perguntou que, se acaso eu pudesse usar pseudônimo, que eu utilizasse “César”. E assim o faço.

algum professor que o auxiliasse nas pesquisas com relação a gênero. Um coordenador de curso, sabendo de minha pesquisa e de como o tema me chama atenção, resolveu me indicar para que o jovem rapaz de 21 anos pudesse conversar comigo.

Durante algumas semanas nossos assuntos giravam em torno de coisas relacionadas à pesquisa dele. Percebendo que ele poderia ser um sujeito capaz de me fornecer dados acerca de minha pesquisa, fiquei interessado em convidá-lo a participar, mostrando a mim o seu consumo de entretenimento. Um certo dia, mesmo com receio de uma negação, por meio das redes sociais⁷, resolvi chamá-lo.

César ficou interessado em saber como se daria a pesquisa e tratei de explicar não com muitos detalhes, já que eu ainda nem tinha ideia de como ela se daria na verdade. O campo ainda estava desconhecido para mim, só sabia que eu precisava de iniciar por alguém e/ou algum lugar naquele momento, e resolvi apenas dizer como ele contribuiria para que o meu assunto pudesse ser analisado com a ajuda dele. E prontamente ele resolveu participar.

O jovem estudante se diz muito reservado, quase nunca sai de casa, e que prefere sair para lugares mais tranquilos e sem muita agitação. Até cogitou que ele não seria o tipo ideal de gay para ser acompanhado ao longo do meu processo etnográfico da pós-graduação. Tal afirmação me levou a perceber que para alguns, se não para a maioria, consumir entretenimento gay é ir à boates e festas com muita paquera, "pegação" e música eletrônica durante toda a madrugada. A ideia que ele tinha é que o entretenimento gay está relacionado apenas à noite, quando na verdade, ele perpassa tudo o que o lazer pode oferecer em todos os espaços de tempo possíveis, seja manhã, tarde, noite ou madrugada afora. Sendo assim, não há a desvinculação do indivíduo com o seu entorno social ao consumir determinados produtos, “a escolha da identidade e do estilo de vida não é um ato individual e arbitrário”, o que faz de qualquer entretenimento um consumo dele. (BARBOSA, 2008, p. 8). Por isso, expliquei a ele que isso não era o problema e que qualquer consumo de entretenimento, seja ele em qualquer vertente, sendo feito por um gay – sujeito de minha pesquisa –, era passivo de ser estudado e que justamente essas variações é que tornaria a etnografia interessante.

⁷ Muitas vezes, impossibilitado de um encontro pessoal ou com uma pergunta a ser feita antes que ela fugisse da mente, utilizei os recursos das redes sociais para entrar em contato com os jovens de minha pesquisa. Tal recurso tem contribuído muito na construção de meu diário e na possibilidade de entrevista-los, pois encontrá-los para uma conversa frente-a-frente é muito difícil pelo meu tempo e pelo tempo de cada um deles. Além de que, as redes sociais auxiliam, em alguma maneira, à aproximação e acolhimento por parte deles à minha pessoa.

Então, ficou combinado de que na primeira oportunidade que tivesse de sair, ele me convidaria, o que ocorreu mais ou menos duas semanas depois, momento em que meu celular avisa que uma mensagem de *whatsapp* foi recebida.

1 PRIMEIRA LACRAÇÃO

César está com 22 anos, tem namorado e me informou que eles costumam frequentar mais lanchonetes e lugares que possibilitem conversar, pois o som das boates acabam impedindo uma interação, além de não terem muito ânimo de buscarem tanta aglomeração. Segundo Christian Tirelli (2011, p. 90), os casais gays tem por objetivo buscar lugares que lhes deem mais liberdade evitando esses ambientes [boates], e por terem a ideia de que os frequentadores estão à procura de “sexo e novos parceiros”. Todavia, uma vez que os casais gays já não estão em busca de parceiros e a busca por sexo não é mais a preocupação de ambos, “os casais buscam entretenimento em bares ou restaurantes que tenham mesas e onde seja possível conversar” (2011, p. 90). Isso se demonstra na fala de César que se percebe sendo “um indivíduo caseiro, sem muita badalação”⁸. Porém, tal fato pode estar conectado à própria condição de vivência em um relacionamento amoroso. Realmente, o César quase não saiu para os entretenimentos noturnos, na maioria das vezes foram à casa de amigos, lanchonetes e hamburguerias. Apesar de não acompanhá-lo nesses eventos, foi possível ver o seu consumo através das redes sociais, sobretudo o Instagram e seus *stories*. Tirelli (2011, p. 93) percebe que existe uma “linha divisória entre o gay solteiro e o gay casado”. Os solteiros buscam diversão e namoro nos locais que frequentam; enquanto os casais gays buscam diversão e socialização. Portanto, o que diferencia um gay solteiro de um gay casado, seria: namoro e socialização, respectivamente. As imagens postadas por César junto ao seu namorado sempre possuem outros casais juntos (na maioria, heterossexuais) ou entre amigos diversos. Assim, “o casal gay está interessado em encontrar outros casais, em fazer programas comuns de casal, como ir ao cinema ou a restaurantes” (TIRELLI, 2011, p. 93). Porém, neste dia em que fomos para esse evento na Associação 106, ficou claro que ele gosta de dançar, beber e se divertir na noite, mesmo que poucas vezes ao mês.

⁸ Palavras do próprio César.

Antes de marcarmos de irmos para a Associação 106, César havia dito que estava pensando em ir para a Fluente na sexta-feira⁹, pois, segundo o jovem, “a festa era muito animada, e seriam tocadas as músicas de uma das divas do pop internacional Beyoncé”. E que além das músicas da “Bey”¹⁰, ele acrescentou, “muitos outros gêneros são tocadas e são consideradas clássicos”. O que indica a preferência por um local que toque uma música segundo um gosto musical específico do sujeito. Segundo Silva (2015, p. 156), a música juntamente com as gírias e o vestuário, “funcionam como pertencimento grupal”. E, segundo Palomino (1999, p. 151), não há como não negar a essência de uma boate gay, pois “boate gay é boate gay. Em qualquer lugar do mundo. (...) A música é sempre animada, (...) uma *dance music* sempre acessível, com muito drama e muitos vocais (as bichas precisam dublar e cantar junto)”. Mas, infelizmente, naquele dia não pudemos ir, pois o namorado teria uma consulta no outro dia pela manhã, o que deixamos, então, para sairmos no sábado à noite. Quero deixar registrado aqui que a Fluente, até o momento deste artigo, é o local onde todos os sujeitos que eu acompanho, em algum momento, se fizeram presente. Em uma outra oportunidade iremos caminhar por este ambiente, pois outro sujeito que acompanho é frequentador assíduo e nos trará novas nuances do entretenimento gay na Grande Vitória. Por enquanto, mantemos nossos olhos no César, pois já neste primeiro convívio temos muito o que conhecer de seu lazer.

O horário marcado foi às 22 horas numa pizzaria chamada King Kone, na Rua da Lama. O local é frequentado por muitos jovens que param para comer, conversar e confraternizar em algum momento especial. É um lugar diferenciado, pois a pizza não é convencional, mas em forma de cone. Quando eu cheguei ao local, havia uma amiga do casal que já tinha pedido pizzas para ela. Não os rapazes, pois antes de ir para o evento, César e o namorado pararam em uma barraquinha de lanches, próximo a casa deles para comerem uma pizza feita de maneira rápida no micro-ondas. O motivo era que, além de barato, o lanche era muito saboroso. Após comerem, eles foram de UBER para Jardim da Penha.

⁹ A festa ocorreu no dia 05 de maio de 2017. Tinha como tema Yoncé @Fluente: Limonade First Year. Em comemoração ao primeiro ano de lançamento do álbum *Lemonade*, da Beyoncé. Na página do evento, no Facebook, podemos ler a seguinte mensagem: “Estavam com saudades da festa da Bey? O LEMONADE fez um ano de lançamento e nós não poderíamos deixar de dar esse close com a fã base mais pesada do pop aqui no Fluente né?”. O evento completo pode ser conferido no endereço: <<https://www.facebook.com/events/1023524517747126/>>.

¹⁰ Apelido dado pelos fãs à cantora Beyoncé, parecendo que a mesma fazia parte de seus círculos de amizades.

As conversas giravam em torno do dia-a-dia do trabalho, das pessoas que eles conheciam. Quando cheguei, a princípio, a amiga do casal ainda não sabia que eu estava ali para acompanhar o César em uma pesquisa, portanto, ela não será incluída neste primeiro momento, haja vista que não pedi autorização a ela para sua participação e, ainda, vale ressaltar que em apenas um momento, mesmo depois de saber que estava eu ali como pesquisador, ela forneceu uma fala relativa à entretenimento, e que a utilizarei futuramente.

César não aparentava estar tão ansioso pelo evento, mas a única coisa que comunicava a todo momento era que gostaria de ouvir funk e, segundo ele, "ralar a bunda no chão", em outro momento, "encerar o chão da boate" - o que significa em ambas metáforas, rebolar até o chão de maneira sensual e performática. Em muitas outras etnografias é possível encontrar referências sobre danças em boates gays. BARRETO (2017, p. 84), diz que as *performances* dançantes em casas de orgias gays, passam pelo crivo da masculinidade, onde “esse controle do princípio da masculinidade é gerido a todo momento, do autocontrole do corpo para que não se empolgue muito ao dançar com a música pop ou eletrônica do ambiente, da bebida ‘para que não se solte muito’, mas principalmente durante as interações sexuais”.

Berte (2014, p. 69), em seu artigo intitulado “Vogue: a dança a partir de relações corpo-imagem”, estabelece que essa cultura do corpo e da imagem já podia ser percebida em “competições e dança em clubes gays dos Estados Unidos na década de 80”, muito exibidas em filmes internacionais. Ele ainda informa que, devido a possibilidade de os heterossexuais terem a liberdade de se expressarem como quiserem, enquanto “os gays deviam controlar como se vestiam, falavam e se portavam, a *ball culture*¹¹ forjava espaços em que os participantes podiam ser o que quisessem”, portanto, os ambientes que são frequentados por gays permitem a eles “mostrar sua elegância, sedução, beleza, habilidades e conhecimentos (p. 70). Com isso, percebo que a fala de César permitiu-me compreender que o entretenimento que iríamos participar naquele sábado estava mais voltado para essa cultura da liberdade de expressão, seja pela linguagem, seja pelas vestimentas ou seja pela expressão da dança. Diferente de eventos em que as obrigações do comportamento “do macho” estão mais enraizadas por uma cultura heteronormativa da figura do homem, cujo o

¹¹ A *Ball Culture* traduzido para cultura de show ou do baile, é um ambiente em que há desfiles, competições e danças em clubes gays dos Estados Unidos, muito em voga nos anos 80. “Entre as categorias de premiação que estruturavam os shows e desfiles da *ball culture* estavam: “moda parisiense”, “estilo executivo”, “roupa esportiva”, “corpo gostoso”, “estilo colegial”, “campo e cidade”, “travesti vestida pela primeira vez”, “estilo militar”, “traje alta costura para a noite” e “estilo realismo” – categoria na qual os/as candidatos/as deviam vestir-se e parecer com homens e mulheres heterossexuais”. (BERTER (2014, p. 70)

comportamento deve ser adequado em uma postura estabelecida por meio de regras, tanto dentro do estabelecimento quanto na sociedade. Então, dançar rebolando não seria um problema, mas uma possibilidade de expressar pelo corpo a sua sexualidade, independentemente de sua preferência sexual.

As vestimentas são definitivamente um quesito a ser observado, já que em sua maioria, os jovens gays estavam com shortinhos *jeans* curtos, camiseta e tênis. Os mais ousados estavam de sapato de salto alto. César estava de bermuda, camiseta, tênis, acessórios (pulseira e cordão). Eu perguntei a ele como é a escolha dos looks para ir para estes eventos, ao que me informou que não pode ser pesada, precisa ser confortável. As palavras exatas usadas por ele foram: “Eu uso qualquer roupa confortável, porque quero ir pra (sic) dançar”. Ou seja, a dança é um fator importante para o consumo deste entretenimento para ele, sobretudo aquelas que possibilitem o movimento do quadril. Nas casas de entretenimento que possuem danças, pude perceber que os ritmos do funk e do *zouk* são os mais aprovados pelos indivíduos que frequentam esses ambientes. Há momentos em que não estando esses ritmos sendo tocados pelos djs, a pista fica quase que vazia. Isso ocorreu durante este evento na Associação 106. Os frequentadores, neste momento em que a música não os agrada, saem do espaço de dança e aproveitam para ir ao banheiro ou para comprar bebidas ou utilizar os espaços para fumantes¹². Porém, quando o dj retorna com as canções que possuem esses ritmos, todos largam o que estão fazendo e retornam para a pista. Parece haver um certo desespero em não perder nenhuma batida do ritmo e aproveitar para fazer coreografias bem elaboradas e que exigem um certo controle do quadril.

Não ficamos muito tempo no king kone. Quando foi por volta de 23h00 pagaram a conta e fomos em direção ao entretenimento. Como eu estava de carro, sugeri que eles fossem comigo até lá. Já que teriam que ir andando; e eu, para acompanhá-los, deixaria o veículo muito distante para voltar da festa, achei por bem fazer esse trajeto com eles. Os perigos de se andar sozinho na noite de Vitória, além de serem grandes mostram que há um certo risco nesta atividade etnográfica e, preservando a minha segurança, tornei-me um agenciador¹³ naquele momento. Barreto (2017, p. 46) explica que em determinado momento de sua

¹² Na verdade, não existe este local dentro do estabelecimento, o que faz os produtores permitirem a saída dos consumidores para a rua e voltarem quando assim desejarem, já que a pulseira recebida no início, serve como identificação de quem está frequentando ou não a festa.

¹³ Em outros momentos tive que oferecer uma agência para os nativos em outras incursões a campo. De alguma maneira, trata-se de uma maneira de poder conseguir entrar em campo e conseguir um tempo hábil de entrevistas e acompanhamento da pesquisa.

etnografia, percebeu dos perigos que cercam o antropólogo nessa jornada de conhecimento do mundo do nativo. Assim ele descreve a tomada de consciência dos riscos que toda etnografia possui, após ter sido possivelmente exposto ao vírus do HIV e ter que tomar o coquetel de medicamentos por seis meses, padecendo dos efeitos colaterais desta medicação:

Para mim, a experiência com o coquetel funcionou como uma espécie de fronteira durante o trabalho de campo. Serviu para que eu saísse da fase “de sedução” e encantamento que todo e qualquer campo de trabalho nos proporciona inicialmente (ainda mais num campo que lida com excitação o tempo todo), e que começasse a perceber, afinal, os riscos e os perigos que ele envolve também. Riscos e perigos de várias ordens, não só morais como também físicos. Não que eu não tivesse conhecimentos sobre eles anteriormente, mas eles não haviam passado pelo meu corpo.

Chegamos ao clube 106 por volta de 23h20. O evento estava marcado para começar por volta de 23h00, aparentemente estávamos atrasados. A fila já dobrava o quarteirão. Era nítida a presença de pessoas de todos os estilos. Homens com saias, botas, saltos, bermudas apertadas e curtas, camisas regatas com recortes profundos nas laterais. Não se vê entre eles nenhum tipo de comentários acerca se a roupa é feminina ou se é extravagante, a liberdade com que utilizam das vestimentas é percebida pelo caminhar solto e saltitante. No artigo “Indumentária *Funk*”, Mylene Mizrahi (2007, p. 232) busca compreender a importância das vestimentas em relação ao ambiente e do “modo que a indumentária é colocada em diálogo com as outras manifestações estéticas presentes na festa, como os shows profissionais, a música, a letra das canções e a dança”. Portanto, compreender a lógica das vestimentas nesta festa direcionada ao público gay, só é possível a partir de uma conexão das indumentárias com “seu contexto de produção, revelando uma imprescindível conexão entre arte e vida coletiva” (MUZRAHI, 2007, p. 232). Assim, fica compreendido o motivo pelo qual César informou que gosta de utilizar roupas confortáveis, pois elas permitem melhor movimento para as músicas que o ambiente proporciona e a dança ficaria mais fácil de ser executada. Vencato (2002, p. 24), em sua dissertação que busca compreender o universo das *drag queens* em Santa Catarina, informa que o entendimento por parte da sociedade do que é ser homossexual, parte do princípio estereotipado “do homem gay: gostar de roupas coloridas e de materiais sintéticos, de música eletrônica, frequentar bares e boates, apreciar shows de drags, entre outros”. Todas essas características puderam ser constatadas na festa, entretanto, elas não conferem afirmações de orientação sexual ou designação da identidade de gênero de seus participantes; pois a roupa, dentro dos acessórios de consumo utilizados por eles,

está voltada para as performances muito mais do que propriamente para questões sexuais e gênero.

2 A FILA NÃO ANDA, DESFILA

Um grande número de pessoas fazia parte da fila de entrada do evento. Conversas de todos os tipos, desde o quanto beberam na noite anterior, até as peripécias de quando “ficaram” com determinadas pessoas. Sorrisos, abraços. Muitos abraços nos conhecidos que iam encontrando na fila, nos que chegavam pela primeira vez no grupo e era apresentado aos demais e, por vezes, em pessoas aleatórias pelo simples fato de demonstrarem uma animação naquela noite (ou porque já estavam com o teor de álcool um pouco acima do limite, não possuindo mais barreiras que impedem um comportamento mais controlado dos afetos com desconhecidos).

Na fila se misturam heterossexuais, gays, lésbicas e transexuais. Os heterossexuais em sua maioria são mulheres, solteiras e muito novas. Particularmente me espantei com a idade dos jovens que ali estavam. Muitos não aparentavam ter mais que 16 anos de idade, entretanto, muitos apresentaram a documentação na entrada do clube. Cheguei a comentar com o César sobre a idade das pessoas que ali estavam. Ele me disse que não sabia se eles eram menores de idade ou se isso ocorria há muito tempo, pois ele passou a frequentar a noite capixaba há pouco mais de 1 anos, não tendo referências anteriores para dizer se os locais faziam "vista grossa" sobre os menores de idade, mas que provavelmente, um ou outro falsificava a carteira de identidade. Essa entrada no universo do entretenimento gay noturno para César é muito recente, provavelmente ele ainda não está inteirado da dinâmica que ocorre com os nativos deste tipo de entretenimento, com relação as falsificações de documentação. Primeiro que ele é maior de idade e provavelmente não necessitou entrar neste contexto de documentos; segundo, o círculo de amigos dele não necessitam e não passam por essa ação; e, terceiro, pelo fato de ter se assumido tão recentemente, ainda não conseguiu perceber com maior profundidade o consumo de certos tipos de entretenimentos por parte de pessoas que não estão classificadas dentro da maioridade permitida para o consumo. Para Silva (2015, p. 58), o encontro de uma identidade sexual se dá a partir do *coming out of the closet*¹⁴ e oferece

¹⁴ Trata de “uma aceitação individual da identidade homossexual aliada à participação em um movimento social que possibilita a um grande número de indivíduos fazer essa identificação de um modo positivo”. (SILVA, p. 57). O termo ainda sofreu uma alteração a partir da década de 60, pois sair do armário seria contar para a

ao sujeito a possibilidade de uma autoestima, liberdade e “um sentimento de auto-aceitação e confiança em si próprio”. A saída do armário nos ajuda estabelecer que o consumo¹⁵ fica pautado a partir, também, da sua identidade, que agora não está mais realizada dentro das fronteiras “sombrias” da heterossexualidade. O sujeito, encontra uma identidade sexual gay, uma orientação sexual homoafetiva e estabelece outras perspectivas para aquilo que é seu desejo (SILVA, 2015, p. 71).

Eu frequento a noite gay há quase uma década. Minha percepção de consumidores das diversas casas de entretenimento que existiram ou existe na Grande Vitória me fez questionar se há alguma diferença entre aquele público daquela festa para um outro público de um estabelecimento para entretenimento gay que existia em Vila Velha. Contudo, minha indagação foi mais uma provocação ocorrida diante dos confrontos e comparações que constantemente me vêm à tona, conheço os estigmas e rótulos estabelecidos a esses locais que oferecem o divertimento a partir da música. Então, pela minha percepção de como são os públicos vistos por mim em diversas boates, as pessoas que estavam na fila da Associação 106 não eram um público diferente do público da outra boate localizada em Vila Velha, sugerindo ao sujeito da pesquisa que as pessoas ali eram os mesmos que frequentavam uma boate de Vila Velha¹⁶. No artigo “Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil”, de Juan P. Pereira Marsiaj (2003), entende que há dois processos ocorridos para a percepção dos gays e lésbicas no Brasil. O primeiro foi a organização de movimentos sociais relacionados a questões homoeróticas e homosociais a partir do final da década de 70. O segundo é a abertura dos estabelecimentos para esse público que passaram a ser considerado os detentores do “mercado cor-de-rosa” ou “*pink economy*” (MARSIAJ, 2003, p. 134). Segundo o autor, por

família e para alguns amigos próximos. Após esse período, o *coming out of the closet* “se transformou em um processo essencialmente político através do qual o indivíduo questiona, com orgulho e desafio, a hegemonia heterossexual, tornando-se ao mesmo tempo visível e culturalmente inteligível” (SILVA, 2015, p. 58).

¹⁵ “O *coming out* está intimamente relacionado com uma mudança nos padrões de consumo dos sujeitos: estes passam a frequentar lugares de socialização homossexual, privilegiam serviços e produtos especificamente direcionados a este público e muitos mudam sua aparência externa. A explicação para este fenômeno seria que quando um determinado indivíduo decide assumir sua homossexualidade ele está ciente de ter “subvertido” sua masculinidade e sua posição (social e política) dominante, outorgada aos homens em nossa sociedade. Assim, usar roupas chamativas ou tingir o cabelo, por exemplo, são vistas como rupturas pouco importantes das normas sociais. Dito de outra forma, o *coming out* libera o indivíduo para experimentar com determinados comportamentos de consumo, ao passo que, simultânea e paradoxalmente estereotipa o homossexual. (SILVA, 2015, p. 71).

¹⁶É importante frisar o motivo desta indagação, pois quando falo sobre a referida boate em Vila Velha, o César sempre a trata de maneira pejorativa, como se lá fossem apenas os gays pobres e de periferia, além do lugar aparentar ter um status de pobreza e exclusão no meio gay.

mais que seja possível a relação entre os sujeitos gays de classes sociais diferentes, as formas de consumo estão baseadas a partir da forma econômica de acesso a estes bens, para ele

os estabelecimentos comerciais, especialmente os considerados mais modernos, mais abertamente gay, como certos bares, boates e festas estão frequentemente muito além do poder aquisitivo das classes mais baixas, o que os torna espaços de classes média e alta. (p. 141)

Por este motivo, os estabelecimentos, segundo ele, em São Paulo, recebem os estereótipos classificatórios a tipos de classes sociais que podem frequentá-los, estabelecendo “uma certa hierarquia [...] entre estabelecimentos mais chiques de classe alta e outros onde a clientela é mais variada” (2003, p. 141). Diante de meu comentário, aquela amiga do César falou que uma vez havia ido a uma boate em Vila Velha, mas que não lembrava o nome. A mesma designou o lugar como o frequentado pelas “bichas cabelereiras”, nome pejorativo dado às gays das periferias, pobres e que não possuem um status social expressivo na comunidade gay. A boate referida pela amiga de César era a mesma de minha afirmação anterior. A partir daí, pude perceber que há uma mesma impressão de status social para aquela localidade por parte dos sujeitos deste dia de convívio. Um marcador social estabelecido para as pessoas que frequentam determinadas casas de entretenimento.

Como relatei acima, há uma presença de heterossexuais nesses eventos. Acontece, que além das mulheres, os homens descobriram os eventos gays da Grande Vitória. Uma das reclamações da fila era a presença de alguns rapazes heterossexuais. A conversa alta dos mesmos, foi incomodando o César, ao ponto dele não querer ficar perto dos rapazes e sair dali para um lugar mais distante dos gritos e brincadeiras deles. Segundo ele, os indivíduos heterossexuais vão para estas festas para ali encontrar as meninas que acompanham seus amigos gays, geralmente solteiras. Provavelmente, num lugar onde os gays se fazem presente, as mulheres estarão livres para serem “xavecadas” e “paqueradas” por estes rapazes heterossexuais, com menos concorrência neste quesito de flertes.

Bom, ali ficamos na fila, a demora começou a gerar uma certa irritação nos meninos, pois para eles, a pontualidade é um fator que melhor traduz a excelência da boate. Se no flyer está contido que abrirá 23h, nesse horário ela deve abrir. O horário é algo que possibilita o aproveitamento do evento, quanto mais cedo inicia, mais é possível “aproveitar” a noite. Além de haver a preocupação com o horário de liberação da “Xixa”.

A fila começa a andar a partir das 23h40. As pessoas são separadas por uma espécie de “status momentâneo”¹⁷ com categorias pré-definidas, depende de como ela foi estabelecida pelos contatos e pela confirmação no evento, a partir das redes sociais, podendo ser: VIP, aniversariante do mês, nome na lista (feito no *Facebook*) ou pessoas "normais" (que não pertencem a nenhum dispositivo que as separe). Qual a consequência dessa separação? O valor ou nenhum valor diferencial a se pagar para participar do evento. Os VIP's e os aniversariantes do mês não pagam entrada para o evento, entram na frente de todos na fila. Essa entrada é feita da seguinte maneira: um segurança passa pela fila chamando pelas pessoas que possuem o nome na lista VIP e aqueles que fazem aniversário naquele mês. A comprovação deste último era feita por meio de documento de identificação (carteira de identidade, carteira de trabalho, passaporte, carteira de motorista etc). A entrada é feita pelo portão lateral e todos, seja de qualquer status momentâneo, deve passar pela revista dos seguranças.

Já aqueles que possuem o nome na lista, precisam passar pagar pela entrada o valor de 15 reais. A diferença é que eles ficam na fila, e aguardam o momento de passar pelo caixa e pagar pela entrada. Após, atravessa-se uma catraca e é revistado pelos seguranças, conforme foi dito anteriormente. Já os que não possuem o nome na lista, pagam o valor de 20 reais. A diferença de 5 reais pode ter um caráter econômico de grande importância, já que a maioria das pessoas que ali estavam na fila colocaram o nome na lista, e quando não estava com o nome na lista, muitos dos amigos diziam para falar que o nome estava na lista. Isso aconteceu comigo naquele dia. César disse para eu falar com a pessoa que vendia os ingressos que meu nome estava na “lista de desconto”, porém, ela estava conferindo os nomes, o que fez César dizer para “abortar a missão”, já que eu seria desmascarado. Então, a dificuldade para passar por esta divisão é o fato de que os nomes são conferidos um a um, à medida em que vai se falando o nome para o atendente do caixa.

Esse valor de 5 reais, partindo de minha própria experiência econômica, não teria nenhum tipo de interferência em meu orçamento, ou não me impediria de aproveitar a festa através de consumo de algum tipo de produto oferecido ali dentro. Mas não pude deixar de promover

¹⁷ O “status momentâneo” foi estabelecido aqui por mim, a partir de uma visão de que, ao entrar no evento, ninguém consegue definir quem entrou pagante ou quem entrou gratuitamente. Este status momentâneo é especificamente acionado na entrada e depois é totalmente ignorada a sua existência dentro do ambiente. Em alguns outros eventos até consegue-se perceber a diferenciação através de pulseiras coloridas, porém, elas não possuem nenhum tipo de relevância nas relações sociais dentro dos estabelecimentos.

alguns questionamentos sobre a situação: será que esta diferença de valores interfere no consumo, pois os 5 reais podem ser gastos com outra bebida? Será que o fato de ter o nome na lista é possível que estes indivíduos se sintam importantes perante o grupo? Será que "mandar" dizer que o nome estava na lista é uma forma de dizer que ter o nome na lista é obter uma certa vantagem sobre os organizadores do evento? Ou achar que pagar 5 reais a menos tem como significado a sensação de que ganhou algo, um bônus para a festa?

Quando questionei ao César sobre o desconto na entrada, a única frase que ele me disse foi: “qualquer desconto é bem-vindo”.

Passamos pela revista e entramos no evento.

O local é bastante amplo. Diversas colunas que sustentam o teto, colunas feitas de alvenaria, pintada de branco. No centro do ambiente há uma espécie de piso de madeira, onde as pessoas se direcionam para aquele local com a finalidade de fazer seus passos de dança, rebolar, fazer as coreografias de alguma cantora internacional ou, para aqueles que estavam de salto alto, dançar *stiletto*¹⁸. Os movimentos marcados pela batida da música, quando esta permitia, mostram a desenvoltura dos participantes do evento. Eles dançam de maneira sensual, com as mãos nos joelhos fazem movimentos com a cintura de maneira rápida, quebrando os quadris para cima e para baixo. Em algumas músicas, eles colocam uma das mãos para o ar, enquanto a outra fica na cintura e abaixam nas pontas dos pés, dando pequenos saltos, como se estivessem “quicando”, daí vem o termo “quicar a bunda no chão”. Realmente, a música é o que reflete no caminhar desses eventos. É de acordo com a música que as pessoas ficam mais animadas e creditam a noite como “o ferve”, termo utilizado para dizer que foi ótima, com muita agitação, bebida, beijos na boca etc. A Associação 106 não possui uma estrutura de boate, como outra qualquer. Ela tem uma estrutura de um centro comunitário onde é alugado para determinadas festas. A ornamentação tinha uma aparência de estarem ali por alguns meses ou até mesmo um ano. Era uma ornamentação com notas musicais feitos de isopor, discos de vinil pendurados no teto, com letras coladas a eles, tentei ver se havia alguma palavra formada pelas letras, mas não tinha nenhum nexos, ao menos, a partir de minha visão para elas. Entrando no ambiente, ao lado esquerdo, ficavam os

¹⁸ Referências sobre este estilo de dança pode ser encontrada no blog <<https://stiletto-dancebras.blogspot.com.br/2016/09/stiletto-dance-resumo-da-historia.html>>.

banheiros, separados por sexo biológico, e um pouco mais a frente, também do lado esquerdo, o bar.

Para o bar, é necessário iniciar uma narrativa diferenciada e detalhada do que era possível ver ali, pois é onde acontece o consumo de bebidas.

O evento "pulando a catraca", promovido pelo Coffee & Bacon Produções, tinha como promoção a garantia de que de 22h até meia noite, o open bar de Xixa para todos os 100 primeiros que chegassem ao evento. Portanto, participar do evento, significa que, ao menos até um determinado momento da festa, haveria bebida de graça para todos aqueles que chegassem até o número 100. Como é feito esse reconhecimento das 100 primeiras pessoas? Através de pulseiras de cor rosa, que mostra que aquela pessoa era o de até o número 100 na fila. Então, essas pessoas recebiam uma pulseira de cor rosa, apresentava a pulseira que estava em seu pulso ao *barman* e o mesmo entregava um copo de Xixa para a pessoa. Ora, devido ao número intenso de pessoas que estava com a pulseira rosa, um aglomerado de pessoas ao mesmo tempo foram direto para o bar pegar a sua bebida, aparentando um confronto pela bebida que eles tinham direito a receber.

O bar estava repleto de pessoas. Elas se empurravam para conseguir um copo de bebida. Reclamavam pela bebida que estava demorando a chegar até eles e que o tempo pelo open bar estava acabando. Em muitos momentos, por motivos diversos, as pessoas que estavam aglomeradas no bar, gritavam em sinal ora de aprovação, ora de reprovação. Quando a bebida era servida de maneira rápida ou alguém comentava algo de maneira a provocar a agilidade dos *barmans*, havia gritos uníssonos de aprovação. Ora, quando a bebida demorava e muitos reclamavam, os gritos era de desaprovação. Quando se encerrou o período de open bar, as pessoas simplesmente "sodem" de próxima ao balcão, ficando apenas aqueles que possuem as fichas compradas no caixa para outras bebidas que não somente a Xixa. Que era o caso do César, que não chegou entre os 100 primeiros e, portanto, não teve direito à bebida gratuita. Mesmo assim, não há uma categorização de inferioridade porque não tem pulseira rosa para o consumo gratuito. Como dito anteriormente, essas classificações não existem ali nesta festa.

A pista de dança é um lugar à parte. As pessoas saiam do bar e iam equilibrando seus copos cheios de Xixa ou cerveja até a pista de dança, onde encontravam-se com os amigos e amigas que por sinal já estavam dançando em roda com passos "rebolativos" e animados. César fazia

parte deste grupo, dançava rebolando e mexendo os quadris no momento em que tocou *funk* carioca. A cada música rebolava sozinho, sem precisar de nenhum incentivo de amigos para poder demonstrar sua capacidade de “descer até o chão”. No grande grupo, a cada encontro com pessoas conhecidas, beijos no rosto eram dados, abraços e gritos histriônicos eram ouvidos. Neste lugar a música que tocava não estava do agrado de César, ele reclamava constantemente que o Dj não mantinha a animação das músicas e ele veio para aquele lugar (pela primeira vez) aguardando o *funk* e as músicas chamadas "bagaceiras". Por bagaceira entende-se música que podem ser antigas que falem bastante palavrão e tenham um ritmo e que possam rebolar e "descer até o chão". Como a música que estava tocando era apenas RAP americano com uma batida mais lenta, muitos começaram a reclamar da festa. Era nítido que desejavam que as coisas pudessem estar mais animadas, a saída para muitos deles era ir para fora do espaço e ficar conversando com os amigos. Já que a pulseira dava permissão para entrada e saída do grupo de dentro do evento. Muitos ficavam fora, também, para fumar. E comprar bebidas (cerveja, energético, vodca etc) e comida (cachorro quente e salgados fritos) do lado de fora, já que era mais barato que os de dentro da casa. Devido a falta de música boa dentro da casa, o César resolveu ir embora mais cedo, pois ele mesmo disse que não estava valendo a pena ficar para dançar, pois era o que estava desejando. Viemos embora por volta de 3h da manhã, novamente, fui utilizado como agenciador e dei carona aos namorados até a casa do César. Quanto a festa? Ela continuou, com ou sem música para descer até o chão! O importante era que a noite fosse “fechativa”.

CONCLUSÃO

O campo (e nele, o sujeito de minha pesquisa) escolhido por mim (e permitido por ele) não passa indiferente à minha história de vida. Nele (e com o sujeito) encontro diversas referências que tratam de momentos de minha história e que me possibilitam trazer comparações inevitáveis como sujeito participativo desta etnografia. Mas não fiquei alheio aos acontecimentos e muito menos observando de fora as situações que aconteciam, pelo contrário, desde o primeiro momento em que me propus fazer a imersão no campo juntamente com o sujeito, estava disposto a conviver com ele no caminho que me conduziria. Entretanto, fica inevitável realizar comparações, haja vista que emprego vida e participação com os sujeitos em minha etnografia. Essas comparações me ajudaram não a determinar um juízo moral ou estético sobre os acontecimentos; elas me ajudaram a tornar mais visível as

ações do César e as novas formas que foram sendo moldados este consumo de entretenimento gay na Grande Vitória, a partir da perspectiva dele.

Ficou clara ao final de nosso percurso as diversas estratégias econômicas realizadas por César para conseguir realizar uma administração financeira para aproveitar a noite. Desde o local em que faz sua alimentação antes de ir para o evento principal, até as maneiras de economizar dinheiro na entrada do evento, com o intuito de utilizar para outros fins, quem sabe, no próprio evento no consumo de bebida. Há uma lógica monetário que está conectada ao entretenimento principal, e ela envolve desde o consumo de alimentos até a forma como se chega ao local, passando pelo tipo de roupa que se utiliza e a categoria de ingresso que irá permitir a entrada no evento. Contudo, pelo fato de ser o sujeito a me indicar os seus desejos de consumo (e não uma sociedade que impõe a ele o que deve consumir), a maneira como ele se dispõe naquele momento, mostra que o desejo de César em ter este ou aquele produto de entretenimento é que deve ser levado em consideração, pois ali está o significado dado por ele.

E estabelecer o consumo de entretenimento está muito mais voltado ao prazer que ele proporciona do que propriamente um objeto adquirido por ele. Não é, segundo a observação feita a partir do acompanhamento junto ao César, o ato de comprar uma comida, bebida ou pagar a entrada, mas a possibilidade de diversão dentro de um espaço onde a identidade gay pode ser preservada da violência, da discriminação e dos rótulos estabelecidos pela sociedade fora destes ambientes. Isto pode ser conferido ao escutar por diversas vezes de César que a festa deveria ser “fechativa”, “lacradora”, ambas denominações equivalentes a festas que são muito boas, ao ponto de dançarem exaustivamente. O entretenimento para este sujeito parece ultrapassar um “consumo pelo consumo”, ultrapassa a barreira da materialidade, está inserido na categoria da emoção, do sentimento, da satisfação pessoal. O desejo de “dançar até o chão”, “quicar”, “encerar o chão da boate”, demonstram uma lógica emocional conferido pela dança, pela liberdade de ser quem ele é no espaço que configura o seu momento de lazer, de entretenimento.

Em contrapartida, apesar dessa possibilidade de poder demonstrar esta liberdade em um ambiente que permite a expressão de sua orientação sexual, a presença de rapazes heterossexuais nesses locais, trazem à tona a incerteza de uma segurança física ao César. Ao contrário, a presença das jovens mulheres heterossexuais que, ao longo do processo histórico de acolhimento a esta comunidade sempre estiveram juntas aos gays, são inseridas e tidas

como presenças agradáveis. Isso demonstra que estes ambientes, até meados de 2010, eram totalmente voltados para o público gay, e hoje altera a sua característica de gueto e sua função política de organização de um grupo que possui cultura específica e consolidada desde o início da década de 70. Este fato – a presença de rapazes heterossexuais em festas voltada para gays – não alterou o comportamento do César durante o desenrolar do evento dentro do espaço. Afinal, há ou não um medo dessa presença por parte do nativo? O que trouxe até aqui não me faz estabelecer essa informação com precisão, mas pode indicar que, apesar dos avanços relativos às expressões da identidade gay na sociedade a partir do consumo (festas, roupas, expressões corporais, voz etc), a realidade da homofobia está presente na mentalidade dos mais jovens, como é o caso de César, na época com seus 21 anos de idade.

César, igual a muitos outros rapazes gays que estavam na festa (ou não), apenas desejam possuir a liberdade de serem quem são, de construírem (e confirmarem) sua identidade a cada possibilidade de obtenção de um produto e mostrar que o lazer é uma forma de lutar contra (e esquecer) as cobranças exigidas pela sociedade heteronormativa, repleta de posturas corporais que já não cabem no shorts, na camiseta de malha, nos saltos e saias, nas falas histriônicas e na linguagem – sempre neológica – utilizada pelos gays.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2016.

BERTE, Odailso. Vogue: dança a partir de relações corpo-imagem. **Dança**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 69-80, 2014.

COFFEE & BACON. **Pula Catraca: VIP para os 100 primeiros, Open Xixa**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1915616035385262/>>. Acessado em: 05 nov. 2017.

FLUENTE. **Yoncé @Fluente**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1023524517747126/>>. Acessado em 05 nov. 2017.

MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade, socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth**, Campinas, v. 10, n. 18/19, 2003.

MEMÓRIA CAPIXABA. **Uma volta na Lama (de Úrsula Dart) 2010**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B6HT3vBZXz4>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

MIZRAHI, Mylene. Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. **Horizontes antropológicos**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 28, p. 231-262, 2007.

PALOMINO, Érika. A cena gay. In: **Babado forte: moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarim, 1999. pp. 148-183.

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento . **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Caravansarai Editora Ltda., 2015.

STILETTO DANCE BRASIL. **Stiletto Dance: Resumo da história**. Disponível em: <<https://stilettodancebras.blogspot.com.br/2016/09/stiletto-dance-resumo-da-historia.html>>. Acessado em 08 nov. 2017.

TIRELLI, Christian. Consumo de entretenimento noturno por casais gays. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 79-94, 2011.

VENCATO, Anna Paula. **“Fervendo com as drags”**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2002.